

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO  
ESTRANGEIRO

## ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte  
Anno ou 24 numeros ..... 2\$600 | Trimestre ou 6 numeros .... \$650  
Semestre ou 12 numeros .... 1\$300 | N.º avulso ou pago á entrega \$120  
ESTRANGEIRO UNIAO GERAL DOS CORREIOS  
Anno ou 24 numeros ..... 3\$000 | Semestre ou 12 numeros .... 1\$500

3.º ANNO — VOLUME III — N.º 63

1 DE AGOSTO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — As nossas gravuras — Visconde de S. Januario, J. B. — Viagens dos srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa Equatorial, ALBERTO DE CERVAES — Thackeray em Lisboa, ALBERTO TELLES — De Buenos Aires á Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Caso novo, MARIANO PINA — Bibliographia.

**GRAVURAS.** — Apotheose de Camões — A commissão executiva da imprensa e os artistas que deliniaram os carros triumphaes da procissão civica, Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro, Rodrigues da Costa, Pinheiro Chagas, Jayme Batalha Reis, Magalhães Lima, Rodrigo Pequito, Silva Porto, José Luiz Monteiro, Simões d'Almeida, J. M. Pereira Junior, Luiz A. Thomazini, Columbano Bordallo Pinheiro — Visconde de S. Januario, novo ministro da marinha e ultramar — Exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes em Portugal, em 1880 — Lavadeiras, na Tapada d'Ajuda, quadro de Silva

Porto — Festas do centenario de Camões, Brazil, a regata do 13 de junho de 1880, na bahia de Botafogo — Collegio da immaculada Conceição dos padres jesuitas em Paris — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Chegámos finalmente áquelle grão de temperatura em que a *inspiração* tem de ceder o lugar á *transpiração*. Em julho succede sempre assim, e os que na primavera cantam, quando chega esta quadra do anno suam.

Entretanto que lindas noites de luar, que suspiros melancolicos da vaga expirando na praia, que devaneios na espessura, que scintillações fulgurantes das estrellas reflectindo-se na superficie das agnas! Vão ver tudo isto á beira do Tejo e verão as emoções que sentem e as perniciosas que apanham!

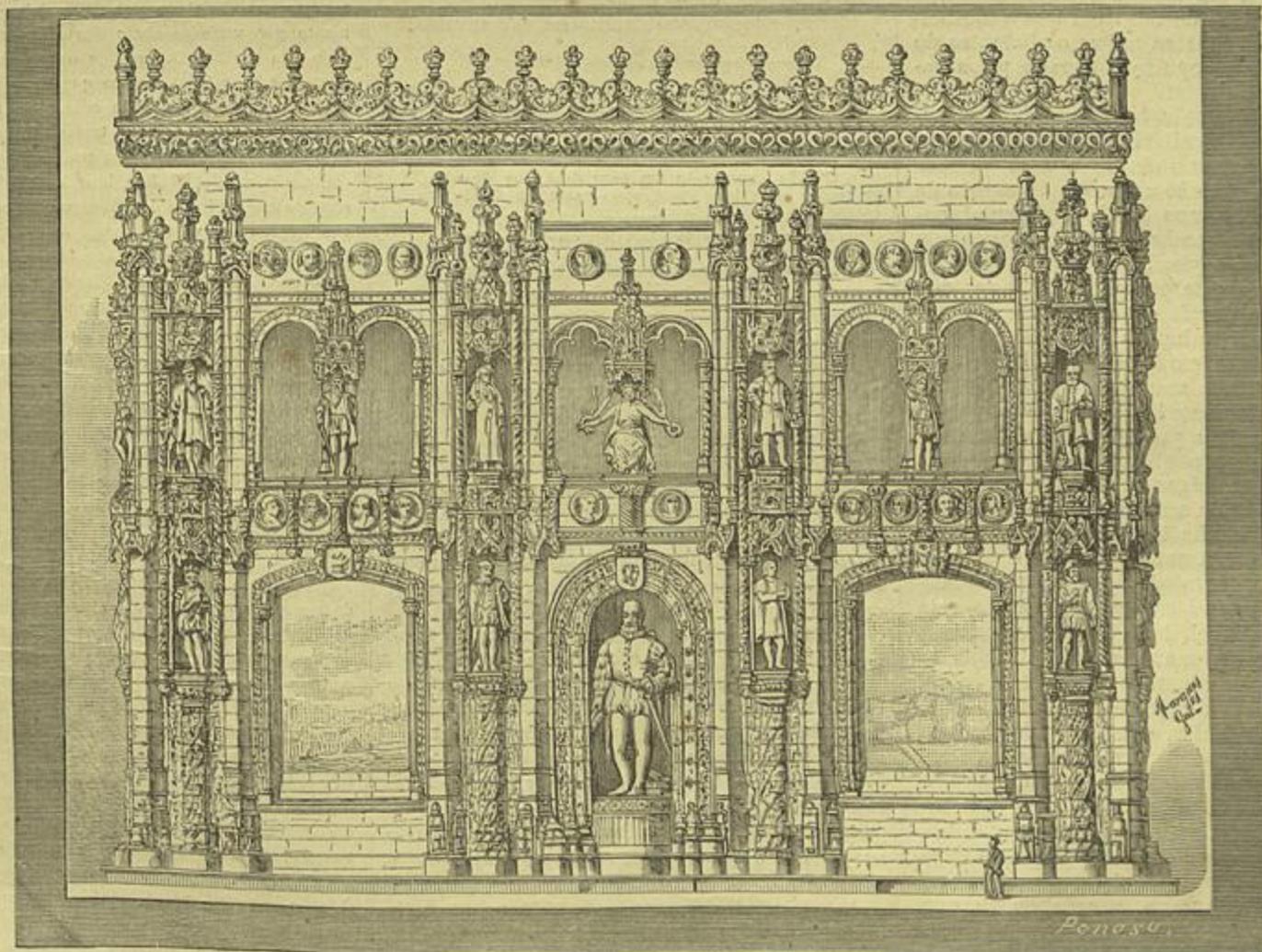
Era extremamente bello o Tejo, supponho

eu, e sobretudo um quasi nada inoffensivo até certo ponto, quando n'outro tempo inspirava aos pianos as *reveries* que elles tangiam na callada da noite! Havia gente, — dignos funcionarios e trovadores immeritos, — que navegavam por elle e que punham mesmo na imaginação, como ponto culminante das suas aspirações, *um barco sobre o Tejo* e um conto e seiscentos no orçamento.

Todo o mundo o via de *crystal* através dos prismas da fantasia e ninguem suspeitava que elle servisse para outra coisa que não fosse para uma consoante imperfeita, rimando com *beijo*, ou então para um ou outro banho mais imperfeito ainda.

Em todo o caso um magnifico manancial, — para a alma.

N'este momento, — terrivel prosa a do nosso seculo! — a imprensa começa, unanime, a decompor o velho idolo! Todos attribuem ao Tejo as febres que reinam n'alguns locaes da cidade, e parece mesmo que os unicos que nos



APOTHEOSE DE CAMÕES — CARTÃO DO CENTRO ARTISTICO DO PORTO EXIBIDO NA EXPOSIÇÃO CAMONEANA NO PALACIO DE CRYSTAL

(Segundo desenho de M. Guimarães)

120

últimos dias teem ido meditar á beira d'elle, são os delegados de saúde!

Não devem as almas ternas attribuir esta desconsideração porque está passando o Tejo á baba da calúnia lançada sobre elle pelos sectarios do realismo. Não, não é positivamente a baba dos *realistas* que torna o rio insalubre; é talvez antes a do município, e a haver cumplices devem antes procurar-se entre os românticos, por ser d'esta classe que hoje saem d'ordinario os vereadores.

Seja como fôr, para as bellas noites de agosto e para as serenatas ideaes da alma, o Tejo póde considerar-se um rio perdido, e mesmo no estrangeiro as suas virtudes estão sendo ao que parece tão discutidas como o nosso credito a proposito do emprestimo de D. Miguel. Ao que consta em Paris acaba de apparecer um pamphleto intitulado *As febres do Tejo*, attribuido a um viajante que ha poucos mezes esteve debruçado sobre as aguas das janellas do Hotel Central, e que em paga de umas sessões entendeu dever tirar este desforço litterario inspirado n'um momento de amargura produzida pelo quinino.

Resta que os poderes publicos adoptem providencias energicas contra semelhante propaganda e, sobretudo, contra semelhante propagação — typhoide, reunindo n'um volume e fazendo-o publicar no estrangeiro tudo o que se tem dito de bem a respeito do Tejo, mas isto depois de tomar a respeito d'elle a seguinte providencia — desinfectal-o.

E as febres talvez desapareçam — e as melodias para piano tambem.

Lisboa em nenhuma quadra do anno se póde reputar, sob o ponto de vista da libertinagem e dos prazeres, uma Babylonia de primeira ordem; mas n'este momento é decididamente menos Babylonia do que nunca.

Com excepção dos domingos e quintas, no recinto dos passeios reina uma solidão discreta que nenhuma mazurka se atreve a perturbar, e os maiores devassos vêem-se obrigados a celebrar orgias de brisa, de chapéo na mão, encostados ás portas já fechadas da Havaneza, até ás onze e meia da noite!

Annos houve, em tempos immemoriaes que jámais voltarão, ai de nós! em que o município descerrava todas as noites os batentes do Passeio publico á população torrada pelos calores do dia.

A referida população torrada, acudia a saçar-se d'estas liberalidades municipaes, em numero raras vezes inferior a doze pessoas e a gente gozava então a inefavel ventura de dormir ao som de uma banda regimental entre duas familias escabeceando virtuosamente nas cadeiras dos asylos!

Grandes tempos de prosperidades estes que deslisaram logo depois da descoberta das Indias, quando nós tínhamos caravelas em todos os mares e crenças em todos os pyrotechnicos. Depois a decadencia maritima chegou, e a do fogo de vistas tambem!

Entretanto quiz a providencia que um estrangeiro benemerito abordasse á praia lusitana para não nos deixar de todo em todo afundar no longo mar da semsaboria que é o Atlantico moral que banha todas as nossas costas. Este homem, mr. Amann, já o anno passado fez uma tentativa arrojada para levantar o Passeio publico ao nível a que tem direito esta instituição respeitavel, base de todos os nossos costumes — bons e maus, e toda a gente se lembra como elle, n'uma bella noite de julho, simplesmente com o auxilio de dez mil balões e duas mil ventarolas, evocou a China, sem nos servir arroz, sem mesmo nos crucificar, proporcionando-nos o espectáculo do *Celeste imperio* na rua central sem nenhum dos inconvenientes da constituição chinesa.

Tudo isto á sombra do nosso proprio codigo fundamental da monarchia!

Entretanto Mr. Amann comprehendeu que sob o céu de Portugal ha uma cousa mais perdida do que a onda e mais inconstante do que a mulher — a brisa da noite, em consequencia do que resolveu renegar até certo ponto o *ar livre*, querendo assim provar que os mortaes

embora a epoca seja de liberdade não tem precisão d'aquelle agente nem para os devaneios nem para os defluxos.

Haja vista o Coliseo de Lisboa.

N'este recinto começámos este anno por ouvir Sarasate o violinista inspirado; depois Donadio a prima-dona de mais linda voz e de mais doaire que os nossos binoculos nos ultimos annos teem applaudido, e os ouvidos perdoado, pelos arrosos d'uma ou outra *fortituri* fantasista.

Agora chega a vez, a Essipoff, uma pianista celebre, dotada da elegante excentricidade precisa para ser recebida com palmas á entrada; possuidora do talento necessario para se applaudir com frenesi á saída. Primorosa de nitidez prodigiosa d'agilidade, com uma mão esquerda que vale mais ao piano do que a mão direita de Deus padre!

Julgo não fazer offensa á divindade suppondo que ella não cultiva a arte do piano.

Pelo menos o constructor Erard nunca enviou, que me conste, nenhum dos seus fortes pianos para o reino dos céos, e manda sempre um magnifico para todos os reinos aonde a Essipoff se dirige.

Devemos portanto já tres notabilidades de primeira ordem ás faculdades inventivas de Mr. Amann, e ainda a época não começou ha tres mezes. Nenhuma d'ellas ainda falhou a não ser o homem *voador* que por não praticar a acção naturalissima de atravessar o ambiente do Coliseo como o faria uma aguia, esteve a ponto de abalar os solidos creditos do empresario.

Mas o publico deu-se por quite com a faculdade de romper a palhinha das cadeiras, — e mesmo de a comer, se tanto fosse o seu desejo, e Mr. Amann voltou de novo a ser o fonal que illumina mais do que a lua e a companhia do gaz — a tristeza das noites que vão correndo.

Com patrulhas da municipal e Chopim não ha homem civilisado que se possa julgar inteiramente infeliz.

Depois da Essipoff resta-nos pregar os olhos em Mr. Amann, e cheios de resignação, esperar sentado no portal do tegurio patrio, o despontar de algum novo astro.

GUILHERME D'AZEVEDO.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### APOTHEOSE DE CAMÕES

Cartão executado em tres dias por desolto socios effectivos do centro artistico do Porto.

Altura 2 metros 70 cent. largura 3 m. 10 cent.

Como commentario a esta notavel obra d'arte transcrevemos as proprias palavras com que os seus iniciadores explicam o plano que presidiu á execução de tão bello trabalho, que primeiro tinha mais avantajadas porções mas que depois foi preciso reduzir pela escasez do tempo, tendo os trabalhos artisticos começado á ultima hora.

«O Cartão representa uma fachada ideal no estylo chamado *manuelino*, e que seria uma especie de *porta triumphalis*, se o poeta não tivesse de occupar o lugar de honra, destinado ao arco de passagem.

«A disposição geral é a seguinte:

«No 1.º corpo da fachada a litteratura nacional nas suas figuras mais proeminentes, isto é, mais originaes, cercando o poeta.

«As duas vistas de Coimbra e Lisboa (em baixo relevo) representam a patria ideal e natural de Camões.

«No primeiro friso de medalhões: o *humanismo* ou a cultura latina, que fecundou a litteratura nacional, tomando no meio a *arte*, e que hoje presta homenagem ao poeta. Immediatamente sobre Camões foram collocados dois medalhões (Infanta D. Maria, a dos *serões*, e Luiza Sigêa) que symbolisam o genio feminino que inspirou o poeta e lhe marcou o destino; superior a estes dois retratos está a *Fama*, distribuindo as palmas e corôas da victoria.

«As estatuas do 2.º corpo representam o pensamento e a acção dos *Lusitadas* na pessoa dos grandes heroes das descobertas (arte nautica; da guerra; da administração; diplomacia).

«O segundo friso de medalhões foi destinado ás sciencias nas suas faculdades, ficando a *Astronomia* e *Histo-*

ria no centro, como sendo as sciencias que presidem ás descobertas e as archivam; e do outro lado a *philosophia*, *archeologia*, *industria* e *commercio*.

«Dar uma justificação da escolha dos personagens, demonstrar a sua intima relação entre elles e o poeta, seria escrever um pequeno volume, que deveria ser um trabalho duplo, da exposição do primitivo plano, e da sua redução actual. Será feito em outro lugar, mais tarde.

«A caracterisação dos retratos é tão fiel quanto o permitem as pequenas dimensões das estatuas e dos medalhões. Os retratos são quasi todos authenticos, como o são as vistas de Coimbra e Lisboa.

«Por ultimo recordaremos que o cartão foi feito em tres dias — um *improvisio* que emtanto, é o primeiro que se fez n'este genero e n'estas dimensões em Portugal.»

### CENTENARIO DE CAMÕES

Commissão executiva da imprensa

São conhecidas de todos as phisionomias litterarias dos escriptores de quem hoje damos os retratos na 4.ª pagina do OCCIDENTE, como justo complemento á revista que temos feito das festas que assignalaram o tricentenario do grande épico.

A obra levada a cabo pelos jornalistas que emprenderam a tarefa titanica, julgada por muitos impossivel, d'acordar o espirito publico portuguez e levá-lo á comprehensão dos modernos ideaes que devem animar as sociedades, é uma obra civica e patriótica digna já agora de ficar memoravel. Póde o espirito partidario levado por considerações e interesses politicos de momento, querer desvirtuar nos seus intentos a idéa que presidiu á brilhante commemoração que todo o paiz applaudiu e a que todo o mundo culto se associou; «mas as festas do centenario foram tão grandes que nem gigantes conseguem tornal-as pequenas» já alguém disse.

Ahi ficam pois estampados no OCCIDENTE os retratos dos trabalhadores dedicados, dos espiritos entusiasticos aos quaes foi dado romper através de todos os obstaculos, subir acima de todos os preconceitos e levar a cabo uma festa que honra a nossa geração enobrecendo ao mesmo tempo o paiz.

### Os artistas que delinearão os carros triumphaes da procissão civica

Da maior parte dos artistas cujos retratos figuram hoje nas paginas do OCCIDENTE já os leitores teem conhecimento por variadas obras d'arte com que teem embelesado esta revista. Damos hoje os seus retratos como homenagem ao esforço sincero que esses artistas empregaram para que as festas do centenario tivessem a feição que deviam ter quando se tratava de commemorar o artista supremo da litteratura nacional.

Como é sabido foi José Luiz Monteiro, o talentoso architecto que delinheou o bello carro allegorico da *Imprensa* que figurou no prestito civico. José Maria Pereira, notabilissimo artista decorador tomou a seu cargo o carro do *Commercio* e *Industria*, Simões d'Almeida, o eximio escultor, o da *Arte*; do carro da *Guerra*, encarregou-se o notavel paisagista Silva Porto, do carro representando um *Galeão do seculo XVI* o conhecido pintor de marinhas Thomazini, e do carro das *Colonias* o talentoso pintor Columbano Bordallo.

Estes carros deram ao prestito um caracter extremamente elevado e uma significação grandiosa, sendo inutil fallar hoje d'elles quando pelo lapis e pela penna já foram descriptos no OCCIDENTE.

### Regata na bahia de Botafogo

No Brazil e especialmente no Rio de Janeiro, as festa do terceiro centenario de Camões tiveram um brilho verdadeiramente excepcional como devia ser tratando-se de honrar a memoria d'um genio que fallou uma linguagem herdada pelos dois povos, que pertence ás duas nacionalidades, que é filho dos dois paizes pelo espirito pela raça e pelas tradições.

Entre as festas levadas a effeito no Rio de Janeiro sobresahiu, como uma das mais brilhantes, a regata realisada na esplendida bahia de Botafogo. Era magnifica a ornamentação da praia aonde em elegantes pavilhões tocavam diversas bandas de musica, e deslumbrante o aspecto da bahia aonde vogavam muitas lanchas, gondolas e immensa quantidade de pequenos barcos de todos os tamanhos.

O espectáculo da illuminação á noite é quasi indiscrepível e da propria regata a nossa gravura feita sobre uma photographia tirada no proprio local só póde reputar-se um ligeiro esboço.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA  
DE BELLAS-ARTES

AS LAVADEIRAS DA TAPADA DA AJUDA  
Quadro de Silva Porto

Este pequenino quadro do talentoso paizagista figurou na última exposição da sociedade promotora das Bellas Artes. Revelam-se n'elle todas as excellentes qualidades de colorido e de exactidão que assignalam os trabalhos de Silva Porto e o colocam na primeira plana entre os nossos bons artistas.

O quadro das Lavadeiras é um detalhe da natureza colorido da realidade, com uma grande sinceridade e uma grande precizão.

COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO  
DOS PADRES JESUITAS EM PARIS

A nossa gravura a que dá actualidade a questão que n'este momento se agita em França, a proposito das congregações religiosas expulsas pelo governo, representa o collegio que a celebre ordem possuía em Paris na rua de Vaugirard, estabelecimento notavel a todos os respeitos não só pelo aspecto material como pela sua feição moral. N'este collegio haviam quarenta e quatro professores dirigidos pelo abbade Chauveau.

Muitos outros estabelecimentos de identica natureza possuíam os jesuitas em França taes como a *Escola superior de Santa Genoveva*, e o *Collegio de Santo Ignacio*; entretanto o estabelecimento representado na nossa gravura era um dos mais importantes, e d'entre todos o mais forte baluarte armado para resistir ás invasões da moderna sciencia revolucionaria contra os velhos principios dogmaticos.

O VISCONDE DE S. JANUARIO

NOVO MINISTRO DA MARINHA E ULTRAMAR

N'um paiz como Portugal, que foi a primeira nação maritima do mundo, que alargou o campo da geographia com os seus descobrimentos, que estendeu o seu dominio por milhares de legoas e sobre largos reinos, senhorios e territorios, de que ainda hoje, apesar de cerceada, conserva larga e rica porção, não deve ser indifferente, nem pouco importante a escolha de um ministro para a pasta da marinha e ultramar.

Nem sempre porém se tem attendido a esta grande necessidade da nossa vida civil e politica, e muitos individuos, aliás cavalheiros respeitaveis, tem sido elevados áquelle cargo, parece-nos, que com bem poucas apprehensões da sua importancia.

Na ultima recomposição ministerial, porém, parece ter-se attendido como se deve a este grave assumpto.

O Visconde de S. Januario entra no ministerio, precedido de um justo renome, devido á maneira como tem desempenhado as muitas commissões de serviço de que tem sido incumbido pela nação, exercendo-as variadas e por largos annos nas nossas colonias.

Tanto os seus conhecimentos especiaes e o seu amor áquellas são conhecidas; que d'ahi deriva o ser elle um dos fundadores da Sociedade de Geographia, de que ficou sendo desde logo presidente honorario.

Nascido em 1829, principiou Januario Correa d'Almeida os seus estudos na escola polytechnica de Lisboa, concluindo em 1845 o curso de cavallaria e infantaria. Seguiu-se depois a revolução e contra revolução de 1847, e o joven aspirante fez parte do exercito da Rainha, sendo promovido a alferes por distincção por occasião da acção de Torres Vedras.

Finda a lucta, foi frequentar a faculdade de mathematica na Universidade de Coimbra, sendo sempre premiado, e recebendo o grau de bacharel em 1853. Em seguida fez o curso do Estado Maior, corpo em que tem o posto de tenente coronel.

Em 1858 foi servir na provincia de Cabo Verde como director das obras publicas, percorrendo todas as ilhas d'este archipelago e a costa de Guiné. Esta visita e as observações que ella suggeriu constam do livro: *Um mez na Guiné*.

De 1860 a 1861, exerceu o cargo de governador geral interino da mesma provincia, d'onde retirou, recebendo uma espada de honra, testemunho de gratidão e saudade d'aquelles povos. Muitos melhoramentos devem aquellas paragens ao illustrado official.

Regressado a Portugal foi nomeado director das obras publicas de Braga e Vianna, cujas necessidades já anteriormente havia estudado e onde prestou bons serviços.

Foi exonerado d'essa commissão e escolhido para go-

vernador civil da ilha da Madeira, em occasião difficil, e onde se houve com prudencia e tacto notaveis.

Em seguida foi exercer igual cargo em Braga, onde realizou uma exposição importante, e conjuntamente com essa commissão prefez outras, aliás espinhosas, com intelligencia e grande imparcialidade.

Escolhido para governador civil do Porto, então cargo muito difficil de prehencher, exerceu-o duas vezes em occasiões de alterações e commoções politicas, reprimindo com energia os tumultos de 1867, descobrindo e fazendo processar os fabricadores de notas falsas, que tanto prejuizo causavam ao Brazil e a Portugal, e havendo pedido a primeira das duas vezes a sua demissão, recebeu a maior prova de apreço dos habitantes do districto elegendo-o seu deputado ás Côrtes.

Em 1870 foi nomeado governador geral da India. Depois de ter reorganizado a administração, ter regularizado e feito cunhar moeda nova, e ter reprimido o bandoleirismo; dispunha-se a emprender novos melhoramentos, entre elles o hoje tão fallado caminho de ferro do Mormugão á India ingleza, quando rebentou ali a revolta militar, que elle subjugou e desfez com a sua energia e prudencia habitual.

Foi então governar Macau, e ao mesmo tempo exerceu o logar de Plenipotenciario na China, e Japão e em ambos os cargos deu provas de habilidade, já na questão da barca *Maria da Luz*, obrigando o governo japonês a desistir do intento de diffamar a nação portugueza, já servindo de entremediario nas questões entre os dois reis de Sião, a pedido das autoridades inglezas, as quaes em toda a parte tem feito justa e dado grande apreço ao merito do novo ministro.

Ultimamente exercera o cargo de nosso ministro junto ás republicas americanas, com as quaes celebrou tratados, deixando o nosso nome alli bem conhecido e donde recolheu valiosas colleções scientificas de todo o genero, que são um grande elemento para os estudiosos.

É-lhe pois conhecido o paiz; tem experiencia e largo tracto dos paizes da Africa, Asia e America; não lhe faltam conhecimentos, intelligencia, energia e actividade, de que tantas provas tem dado, para exercer, na altura que é mister, o cargo a que foi chamado.

Poderemos e podem todos, como é natural, dissentir do novo ministro na maneira de ver, de apreciar, de realisar este ou aquelle objecto, esta ou aquella medida: o que ninguem pode pôr em duvida é o seu merito, a sua honradez, o seu amor pelo paiz que lhe deu o ser, e a sua boa vontade, que oxalá vejamos sempre desprezida dos compromissos ou imposições partidarias.

J. B.

VIAGENS

DOS SRs.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS  
na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

VI

Abaixo dos rapidos Falla no Lucalla, entra o Loando, depois de ter recebido as aguas do Colle, que vem da serra Catanha, — que é como se sabe, o prolongamento para o norte, de Tala Mogongo, — e corre pelas terras do Moenga Quanza.

Do Duque de Bragança para nordeste, os exploradores portuguezes cortaram muitos afluentes do Lucalla: o Quimbaxe, o Luxilo, o Jungo, o Mussalegi, o Luegi, o Quiongué, o Lucome e o Cariombo, dividindo este ultimo o concelho do Duque de Bragança do concelho de Ambaca.

N'estes logares achavam-se em plena região montanhosa. Os terrenos são por isso muito accidentados e a vegetação rareada deixa ás vezes apenas destacarem-se, enormes, as Adansonias.

O Lucalla é muito cortado de cachoeiras em todo o seu curso abaixo da cataracta grande de que fallámos no numero anterior e dos rapidos de Falla.

No norte avultam, acima dos terrenos, os morros Quitoeto, as serras Quienga e Papa, a Carianga, e, ainda mais distante no norte, superior a todas, a serra Quio, perto do rio Zenza que é um afluente do Bengo.

Ao sul elevam-se as serras Vunji e Calolo.

A oeste do Lucalla, perto do logar onde este rio, que antes corria para oeste, volta ao sul, está Ambaca, terminus do caminho de ferro, primeiro estudado pelo sr. Sarrea Prado que se projecta na provincia portugueza de Angola.

Ambaca fica no centro de uma planicie. O fundo é em volta occupado por altas montanhas que são principalmente, ao norte, a de Quio de que ha pouco se fallou, e ao sul as serras de Hengue e M'Bei.

Por todas as terras em volta sobem do solo, de espaço a espaço, numerosos morros isolados uns dos outros. Os terrenos são formados por schistos e granitos, sobre os quaes a vegetação arborea é tão pobre, que ás vezes, por falta de combustível, faz-se a comida com capim.

A povoação de Ambaca é formada por 6 ou 7 casas cujas paredes de barro são cobertas por tectos de palha. Em volta as Adansonias dão alguma sombra. Uma d'ellas foi medida por Capello, e tinha mais de 15 braças no tronco, á altura de homem. Da folha d'estas arvores se faz um esparregado agradável, adocicado, e pegajoso na boca.

De Ambaca os exploradores voltaram para o Lucalla, atravessando d'este para o rio Cuanza.

Entre os dois rios o terreno é muito montanhoso. O Lutete, rio que afflue ao Lucalla, divide-o correndo parallelamente ao Cuanza, em duas partes. Capello e Ivens seguiram algum tempo o valle de Lutete.

A grande serra de Quio vem de nordeste terminar na Tumba, grande morro entre o rio Luinha e o rio Lucalla que, segundo o novo projecto, o caminho de ferro deve tornar para ligar o Cuanza navegavel ao Lucalla. O outro macisso orographico é, n'esta região, o formado pela serra Hengue de que já fallamos. Esta serra chama-se mais a oeste M'Bei e separa a bacia do Lucalla da bacia do Mucoso que é um rio afluente do Cuanza.

É proximo já d'este ultimo rio, e por isso no extremo sul da grande facha de terreno que os exploradores atravessaram em toda a sua largura, que existe Pungo Andongo.

O rio Lutete ao norte, o rio Lombe a leste, o rio Cuanza ao sul e o rio Luxilo a oeste, limitam uma larga região caracterisada por grupamentos extranhos de grandes massas de conglomerados, isoladas umas das outras e apresentando uma notavel e já de ha muito celebre physionomia.

Essas massas são as chamadas pedras de Pungo Andongo, mas nem só em Pungo Andongo existem. Um d'esses grupamentos existe por exemplo em Quitoche, outro em Guingas, outro junto a Carima.

São formados pela agglomeração de calhãos rolados, unidos solidamente uns aos outros por uma argamassa onde tambem se encontra gneiss, mica, schisto argiloso e fragmentos de porphyro.

O grupo mais numeroso d'estas rochas é com effeito em Pungo Andongo.

De muito longe se descobre uma grande planicie, no centro da qual, sobre uma pequena iminencia, se vêem as grandes massas como se fossem ameias gigantes de uma muralha distante. Muito mais longe, por detraz de Pungo Andongo, percebe-se a quebrada onde corre o Cuanza.

É por entre as pedras de Pungo Andongo que existem as casas da povoação.

Algumas d'essas pedras tem mais de 200 metros de altura perpendicular. N'uma d'ellas ha uma nascente d'agua; e, nas épocas das grandes chuvas, as aguas despenham-se-lhes do cimo com a força e a abundancia de grandes catadupas.

Encontram-se sobre ellas pégadas humanas provando que a sua consolidação é relativamente recente.

Parece que o rio Cuanza tivera em tempo o seu curso ao norte da posição que hoje occupa, e que os conglomerados se formaram no seu leito. O rio desviou-se depois para o sul onde hoje se encontra entre a serra Cameca e a serra Quiambella.

(Continua).

ALBERTO DE CERVAES.

## FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES

A COMISSÃO EXECUTIVA DA IMPRENSA E OS ARTISTAS QUE DELINEARAM OS CARROS TRIUMPHAES DA PROCISSÃO CIVICA



THEOPHILO BRAGA — RAMALHO ORTIGÃO — EDUARDO COELHO — LUCIANO CORDEIRO — RODRIGUES DA COSTA  
 PINHEIRO CHAGAS — JAYME BATALHA REIS — MAGALHÃES LIMA — RODRIGO PEQUITO — SILVA PORTO — JOSÉ LUIZ MONTEIRO — SIMÕES D'ALMEIDA  
 J. M. PEREIRA JUNIOR — LUIZ A. THOMAZINI — COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO.

## THACKERAY EM LISBOA

## VI

O palacio da Ajuda

(Continuação)

O cuidado que teve Thackeray em examinar tudo com notavel minuciosidade em volta da Ajuda está mostrando claramente qual não seria a attenção que elle empregou em a ver toda lá por dentro. E porquanto é assaz justificado o espanto que lhe fez a grandeza desmedida do palacio e as suas bellas salas magestosas, só queremos propôr aos olhos do leitor, n'esta parte da sua interessante narrativa, a pouco vulgar coincidência de estarem aqui perfeitamente de accordo o pensar de um eccentrico estrangeiro e o nosso amor proprio nacional, que nem sempre

O nada estrangeiro estima,  
O muito dos seus despresa.

Ora vêde como se exprime o famoso romancista: — «Apezar d'este palacio não ter ainda attingido as grandiosas proporções da sua traça, a parte edificada é mais que muito sufficiente para o monarcha de uma nação tão pequena como Portugal: Versailles e Windsor não tem aposentos mais nobres nem mais bem proporcionados.»

Agora abri o *Panorama*:  
«Cada um d'estes lados, de per si, poderia ser digna habitação de um poderoso monarcha.»

A *Illustração Luso-Brasileira*:

«... o que está construido é apenas a terça

parte do palacio, conforme a planta. Mas, assim como se acha, ja pôde offerecer a uma numerosa familia real todas as commodidades.»

Primeiro nos diz o estado em que vio o palacio e a impressão que lhe causou; e, conforme o seu costume, vae moralizando o



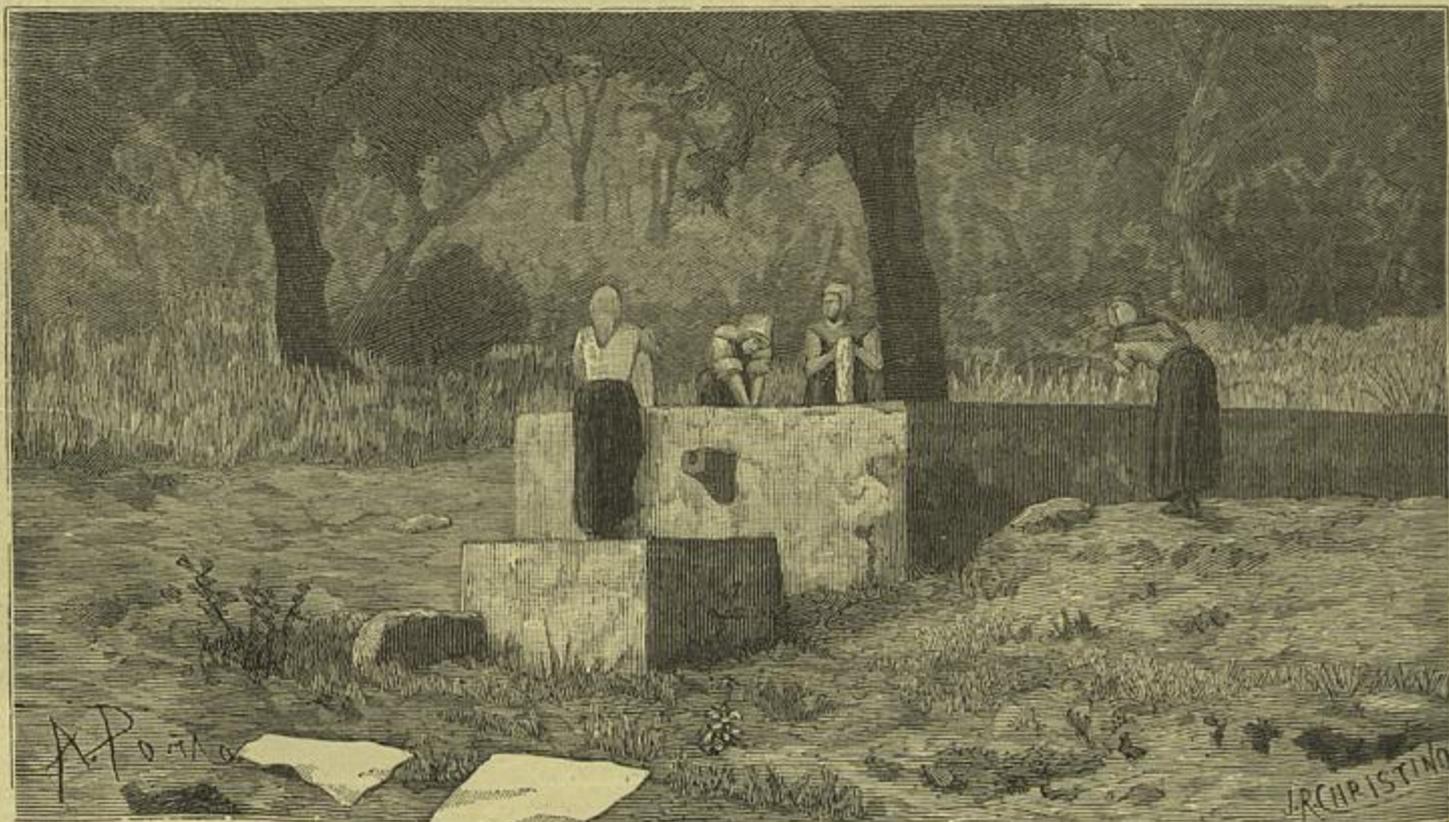
VISCONDE DE S. JANUARIO — Novo ministro da Marinha e Ultramar

(Segundo uma photographia de A. da Fonseca)

E o *Universo Pittoresco*:  
«Finalmente, o palacio da Ajuda, depois de concluido, será uma das mais bellas e sumptuosas residencias reaes da Europa.»  
Voltemos a folha.

É possivel que Thackeray, ao cruzar o vestibulo do palacio, não reparasse nas vinte e cinco estatuas collossaes de marmore, que ali estão em seus nichos, com uma grande camada de pó a servir-lhes de manto que *nem tudo esconde nem descobre*, como o delgado cendal da Venus de Camões? A este respeito é bem certo não ter elle escripto uma só linha. Desconfio, porém, que alguém lhe disse o que algumas d'ellas representam: a *Innocencia*, a *Constancia*, a *Affabilidade*, a *Gratidão*, a *Prudencia*, o *Decoro*, e até a *Ação Virtuosa*, o *Anuncio Bom*, e outras cousas que taes. Semelhantes denominações são vulgaríssimas. Na minha humilde opinião, podem mais facilmente resumir-se n'um attestado de bom comportamento moral, civil e religioso do que exprimir a poetica inspiração de um artista. Pois em verdade ninguem dirá ao certo o que tem commum com ellas a chamma divina do talento e a alta significação da arte. Pelo que suspeito que ao deante, quando nos elle falla nas tres virtudes theologaes a proposito dos *frescos* da Ajuda, não tinha ali o seu juizo: — estava ainda a pensar nas estatuas!

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL EM 1886



LAVADEIRAS — NA TAPADA DA AJUDA — Quadro de Silva Porto (Desenho do mesmo auctor)

caso com uma pitada, não de rapé, mas de sal:

«O palacio das Necessidades (*da Ajuda* é o que elle queria dizer) serve unicamente para os dias de grande gala, recepções de embaixadores e funções da cõrte. Na sala do throno vê-se um, que é immenso, e tem sobreposta uma enorme corõa dourada. Causa maior que aquillo nunca meus olhos viram, nem nas mais lindas pantominas do theatro de Drury Lane; mas o effeito que produz essa peça magnifica é prejudicado por uma velha e rota alcatifa de Bruxellas, que não chega bem a cobrir todo o espaçoso pavimento, e é, afõra o throno, quasi o unico artigo de mobilia que ali ha. Os teares de Kidderminster forneceram os estofos que adornam a sala dos embaixadores; e o estuque, pintado a tempera, está em perfeita relação com tudo o mais. Um palacio com os cotovellos rotos é seguramente a mais baixa de todas as cousas estragadas que ha pelo mundo. Edificios taes não devem ser vistos na adversidade — o esplendor é a sua decencia — e quando já por mais tempo o não podem sustentar, cumpre-lhes descer ao nivel dos seus meios, ir em paz servir para fabricas ou sumir-se esfarrapados na obscuridade.»

Como era natural, as pinturas allegoricas da Ajuda prenderam a attenção de Thackeray, e não admira que elle não dê noticia dos pintores que alli trabalharam muitos annos. Foram quantos havia então em Portugal: Archangelo Foschini, Bartholomeu Antonio Calixto, Caetano Ayres, Cyrillo Volkmar Machado, Domingos Antonio de Sequeira, Felisberto Antonio Botelho, Francisco Vieira Portuense, João de Deus Moreira, Joaquim Raphael, José da Cunha Taborda, Manoel da Costa, Maximo Paulino dos Reis, Norberto José Ribeiro, e ainda outros.

Pareceram-lhe horriveis essas allegorias. Mas, quando vio D. João VI levado em triumpho pelo mar fõra, desatou ás gargalhadas. A mesquinha figura do rei, mettido n'uma concha de madreperõla, está em pé, de casaca de sêda e punhos de rendas, com a Victoria a plantar-lhe na cabeça uma corõa de louros, Neptuno a conduzi-lo com toda a etiqueta a porto de salvamento, e os Tritões e as Nereidas a puxarem por elle, acompanhados e seguidos por um brilhante cortejo das Tagides, pela rainha, as nymphas, e mais pessoas reaes. E o Tejo — diz um interprete digno da obra — o Tejo o recebe de joelhos e lhe tributa homenagem exprimindo-lhe a saudade que o magõira e o prazer que sente ao vê-lo. Nem o caso era para menos! O bonissimo soberano abalãra de Portugal para o Brasil com medo de Junot, e depois se escapulio do Brasil para Portugal, d'esta vez com medo da revolução de 20. E todos os dias da sua vida, coitado, toda a vida até morrer a passou elle sempre assim — em sustos. Põr-lhe agora o velho Tejo outra vez a vista em cima... que scena mais tocante? Vê-lo em salvo, restituído aos affagos e carinhos do seu tão leal povo, depois de haver affrontado tantos perigos, expõdo ao furor dos elementos a sua pessoa, a familia e a corõa de seus antepassados, era com effeito motivo de sobra para grande regosijo — e luminarias. Foi sem duvida esta consideração primeira, não direi no pensamento — porque a falta d'elle é o que mais ali se nota — mas na divertida composição sarapintada pelo *signor* Foschini.

De toda essa alegre patuscada maritima galantemente escreveu Thackeray. Pena é que observando a aclamação de D. João IV, feita com esmero por Taborda na sala que tem essa denominação, elle tomasse o duque de Bragança pela épica figura de D. Manuel; e tambem que nas danças das artes no tecto, e nas dos medalhões oblongos, pintados a aguada por Cyrillo, faça intervir D. Miguel como Pilatos no credo. Eis o que elle diz:

«Vimos differentes allegorias de cõrte, as quaes, atrozes como são consideradas do ponto de vista da arte, servem todavia para attrahir o olhar do moralista. Lá estavam a Fé, a Esperança e a Caridade lançando a D. João nos braços do seu feliz Portugal; a Virtude, o

Valor e a Victoria saudando D. Manuel; a Leitura, a Escripção e a Arithmetica (segundo o meu entender, ou outras nymphas da mythologia) a dançarem ante D. Miguel: — essa pintura ainda lá está na Ajuda, mas, ai de mim! onde está o pobre *Mig*? E são estas ceremonias, estas petas officiaes que nós persistimos em ir vêr...»

A galeria de pinturas que ali houve em outro tempo, e eu ainda cheguei a vêr, suggerio-lhe este arrasoado: — corre parelhas com a mobilia do palacio, — contem figuras mythologicas dos reis de Portugal, emfim, os inglezes que lá forem hão de vêr alguns paineis estupendos, allusivos ao duque de Wellington. — Ora, esses paineis não podiam ser outros senão as cinco batalhas da guerra peninsular, do pincel de Rato. No maior de todos, o que representa a gloriosa acção do Vimeiro, sir Arthur Wellesley, depois duque de Wellington, está no primeiro plano, rodeado por um grupo de officiaes, sem embargo de ser ainda então sir Hew Dalrymple o general em chefe do exercito britannico. E Thackeray teve o despejo de escrever que esse quadro é composto n'um estylo muito caracteristico da escola portugueza — *done in a very characteristic style of Portuguese art.* — Cumpre notar que esta ironia, além de mal cabida, vem aqui fõra de proposito. Um entendedor muito illustrado e severo, o conde de Rackzynski no seu precioso livro *Les Arts en Portugal* (pag. 269), assevera que esses quadros — *ne sont pas d'un effet désagréable.*

Ali foi parar, não sei como, um quadro do celebre Sequeira, que tem uma historia curio-sissima. Falle por mim o illustrado redactor do *Diario de Portugal*, e meu honrado amigo, o sr. Thomaz Sequeira, a quem devo o ter conhecimento d'ella:

«Foi n'este empenho (*o de sequestrar as riquezas de Portugal*) que Junot ordenou que todos os individuos, possuidores de objectos de arte do estado se dessem pressa de enviar-lhe notas fieis d'esses valores, sua descripção etc.

«Sequeira que dirigia então certas obras no palacio da Ajuda e tinha em seu poder objectos d'aquella natureza veio a Lisboa e apressou-se a cumprir as ordens de Junot.

«N'uma conferencia que tiveram o general disse-lhe algumas palavras agradaveis ao seu talento e pediu-lhe para lhe pintar um quadro allegorico á sua entrada em Portugal. Sequeira desculpou-se com o estado do seu espirito, dominado pelas desgraças da patria abatida, e evidenciou-lhe a sua falta completa de inspiração. O general insistiu, meu tio recusou, e depois de uma discussão impertinente Junot disse-lhe *cathegoricamente*: Eu substituo a sua inspiração á minha. E escreveu-lhe o assumpto do quadro.

«O quadro a que me refiro figurou depois na galeria da Ajuda. — ... ia-se deteriorando rapidamente e, em pouco, desfez-se totalmente.

«É que Sequeira, não podendo deixar de compôr o quadro que Junot lhe ordenára, havia preparado a tela de modo a justificar, ao menos perante a posteridade, o seu ardente amor da patria. Elle mesmo destruiu a sua obra.»<sup>1</sup>

Restava-lhe só ver a capella. Nunca lá entrei, mas tenho aqui a seguinte informação: — collocada no andar nobre sobre o vestibulo para o lado do pateo, não está concluida, mas é grande e rica de preciosos marmores e delicadas esculpturas. Thackeray tambem achou esta capella adornada com muito cuidado e riqueza de ornamentação. — *There is also a chapel, which has been decorated with much care and sumptuousness of ornament.*

Só lhe não agradou, por muito descarnada, a imagem sobranceira ao altar. «Mas tal era o gosto do tempo — diz elle — quando os gritos dos judeus no potro aviventavam a fé e os hereticos postos a assar lhe insufflavam nõvo alento.» A este proposito escreveu tambem

*Delectando, pariterque monendo,*

<sup>1</sup> Vej. o *Diario de Portugal*, n.º 438, de 2 de maio de 1879.

as linhas seguintes: — «Nas egrejas de Lisboa ha, como aquella, outras imagens horrorosas; as que nós vimos eram ainda apparentemente ricas, alindadas e esplendidas, posto que, segundo o costume, tivessem sido roubados o ouro e a prata dos templos, as joias e as corõas das imagens. Porém o latão e os ouropeis produzem o mesmo effeito, ao longe; e é sem contradicção que assim pensavam Soult e Junot quando saquearam esses logares sanctificados, como philosophos francezes que eram.»

Assim terminou a sua demorada visita ao paço da Ajuda.

ALBERTO TELLES.

## DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

— Muy pocos han sido los escritores en esta parte, proseguí Behety. Tanto mejor ha hecho, por consecuencia, el artista peruano en ampliar en su cuadro una de las páginas olvidadas de la historia, y que sin embargo no debió serlo; porque aquel escenario religioso, aquel sangriento sarcófago, aquel puñado de aventureros orando en el templo por el que acababan de asesinar la vispera sin mas propósito que evitar su influencia y locupletarse del oro de su imperio: todo está poniendo de relieve en ese episodio el espíritu de la conquista hasta en sus mas intimos pormenores.

«He ahí la función de la iglesia celebrada en la que mas tarde fué San Francisco, e poco antes templo del Sol. He ahí al Inca estendido sobre el régio tapiz verde que cubre una mesa colocada frente al improvisado altar.

«Como el dictado de rey de los Judios que daban al Cristo sus verdugos por escarnio, ciñendo una parodia de reales vestiduras, los israelitas de la conquista del Perú hacían en su victima la ostentación de la magestad que tuvo en vida; y despues de darle muerte vil, envuelven su cadáver desnudo en el manto imperial, ciñen su frente con la tradicional franja carmesí que sostiene las blancas plumas del coraquenque, el pájaro sagrado de sus mitos.

«El Inca está allí sobre el féretro, con sus ojos, que entreabiertos como su boca, dejan ver la inyección sanguinolenta de las arterias del ojo: caracteres todos perfectamente tomados del cuadro de la naturaleza de la muerte por la estrangulación. Pende de su muñeca izquierda la enseña de la servidumbre, con que estaba encadenado. Es el tipo mas acabado de su raza, siendo de sentir, lo que está ya observado por los criticos, que no compitan en esa perfección las mujeres, que parecen mas propiamente mestizas, contra la verdad historica.»

— Qué hacer, sin embargo el artista, interrompeu Santiago Estrada, que al frente de esa verdad, encuentra la de la belleza de aquellas mujeres, una sobre todo, tan preconizada por los historiadores? Dónde encontrar ese tipo ideal de belleza, combinado con la verdad de la raza americana, tan diversa de la fisionomia caucásica? Como acordarle belleza sin tener, ni ser fácil tenerlo, un original de sangre pura, y cuando todos los rasgos de raza son, por el contrario, opuestos á la idea de de la belleza que nosotros tenemos?

— Por supuesto, tornou Behety. Tengase, pues, esto en cuenta al hacerse el único cargo, fundamental asimismo, que se ha dirigido á esa magnifica composición.

(Continúa)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

## CASO NOVO

I

O Zé Resgate ainda móra na Nazareth, uma praia onde de certo já estiveram ou quando menos já d'ella ouviram fallar.

Uma praia excellente. Ondas immensas, gordas que nem frades bernardos, com a sua imponente juba d'espuma mais branca que o alabastro e mais leve que a aza d'um colibri, onde se tomam mergulhos magnificos; e soberbos pontos de vista, d'onde se descobre d'um lado a immensidade magestática do oceano ondulando, e do outro uma mancha verde-negra da ramaria luxuriante do pinhal de Leiria. A povoação é que é um pouco suja. Ruas e travessas estreitas onde os porcos aos bandos andam a esfoçar pelos cantos immundos.

O Zé Resgate é pescador. Bom homem, dado pouco a chalaças e muito á bebida! Conheci-o de perto quando em pequeno ia a banhos á Nazareth.

Á tarde quando os barcos voltam do mar alto, as velas enfunadas, cheias de vento e de luz, e o sol se afunda todo n'uma lentidão lubrica e ensanguentada na profundidade de esmeralda liquida do Oceano, o Zé Resgate trazia-me sempre um goraz ou um safio de presente, porque meu avô que Deus tem, tinha sido padrinho d'um filhito d'elle e livrara-o d'uma coima por causa d'um burro que foi destruir pedaços d'um viveiro no pinhal d'el-rei.

Uma tarde o Zé Resgate saio de casa, uma casita feita de taboas e telha solta, as calças até meia perna, muito preocupado de si.

— Eh! Zé! Onde diabo vaes tu, *amodos tan* exquisto? — inquire o Chico Rôla, o cunhado, que estava sentado na praia, junto da sua barca de dez remos, a concertar uma rêde para a sardinha da noite.

— Temos má nova? Ha vento mau? A sardinha *nan* chega?

— *Cal* sardinha, nem *cal* diabo! Deixa-me cá! — e para desabafar, meio afflicto:

— O raio da Faneca! — disse, n'um tom aborrecido e feroz.

— Temos nova embrulhada?

E o Zé Resgate, atirando consigo para a areia, chupando sofregamente no cachimbo, contou-lhe que cada vez andava mais desconsolado. A Faneca, a mulher, era um raio que mais valia que o mar a comesse do que lhe estivesse a dar tanto desgosto junto. Desde que tivera a ultima creança, aquillo é todas as tardes na cabana do cabreiro do campo...

— Todas as tardes?... Que digo eu? Todas as vezes que vou *pró* mar. Seja dia, seja noite, em me apanhando fóra de casa é certo que está lá caída. Ah! mas isto vae mal, vae! Que a gente *nan* pôde estar sempre a aturar uma lesma, a sustentá-la e aos filhos, para depois dar desgostos que envergonham a cara d'uma pessoa! Mas tanto seja eu se lhe *nan* fôr hoje na pista... Hoje *nan* vou ao mar. Quero antes fazer ronda... E o mar me coma se *nan* dou com a arrioseca. Estou farto! estou farto!

O Chico Rôla olhava o cunhado bestialmente, sem uma palavra que lhe fizesse mudar as tenções, porque tambem já lhe tinham rosnado umas cousas da Faneca. Parecia lhe impossivel — mas se tanta gente a vira entrar para casa do cabreiro. Ali andava obra!

E o Zé Resgate estendeu-se na areia humida, a cabeça deitada sobre a palma da mão, o cachimbo ao canto da bocca, a olhar distraido o mar, o seu amigo, que a dois passos lhe sorria como uma creança alegre do seu vestido de setim azulino, desfazendo-se-lhe aos pés em novelos d'espuma, que rolavam pela praia, como rolam pelas alturas, nas noites azues, as nuvens batidas do largo vento. E a ideia de que a Faneca o atraioava, o cobria de vergonha, caia-lhe no espirito em montanhas de chumbo, que lhe esmagavam o coração, lhe despedaçavam a honra e a felicidade — mais facilmente do que no inverno passado o mar despedaçando o cahique *Santa Maria* de encontro aos rochedos do Norte!

## II

Effectivamente as desconfianças tinham rasão de ser, e as visinhas tinham motivo de sobejo para fallar, enquanto abriam o carapau para secar ao sol.

A Faneca era magra, um pouco pallida sempre, uns fatos muito remendados, muito arranjadinha, trazendo os filhos lavados e a casa caiada por dentro. E tinha além de tudo isto, uma fatalidade com que a natureza a dotara e com que a mexerique se entretinha — um palmito de cara bem rasoavel na verdade.

Levara do marido de quando em quando a sua bofetada, um murrosito pelas costas, porque elle em não indo ao mar era certo que ia á aguardente e aqui a tempestade era mais trivial e mais temivel.

Ora este viver de pancadas e de filhos tiravalle o apetite, dava-lhe muita noite de lagrimas e de *Ave-Marias* á Senhora da Nazareth, que por signal era madrinha d'ella; e punha-a na espinha como por lá se diz.

Mas isto não obstava a que todas as vezes que apanhava o marido fóra, fosse á cabana do cabreiro. Demais elle era solteiro, bonitote, desempenado que nem um I... A má lingua d'esta vez parecia atinar! E que diabo tinha ella lá que fazer constantemente? E ás escondidas do marido?

Á noite saiu. O Zé Resgate estava no mar, não havia duvida. Pois se dissera que ia para lá...

Tomou por umas ruas estreitas, todas de areia, seguindo para o sul onde era a cabana do cabreiro.

Não havia luar. Mas as estrellas no alto, engastavam-se na amplidão negra do ceu, aos montões, n'um esbanjamento giganteo, brilhando vivas, em sorrisos de luz dourada. Ás vezes tinham aspectos pyrotechnicos de foguetes de lagrimas estalando os seus cachos de luz na immensidade etherea das trevas, e pareciam quasi descer, descer, até ao planeta, para reamarem de ouro — qualquer cousa digna d'isso!

Pelo ar andava um bom cheiro salino da marzia, e ao longe, vozes de pescadores ouviam-se em gritos alegres e satisfeitos de *ó vae! ó ála!* — arrastando para terra as redes prenhes de sardinha, n'uma toada sonora que punha uma nota dolente e lyrica á serenidade immaculada da noute. E o mar beijava a areia branca da praia, cheia de phosphorecencias magicas, intermitentes, n'um marulhar triste, romantico, que excita os vates anemicos ás idealisações sentimentaes, traduzidas em quadras réles, dignas de viola franceza e de dois sóccos!

A Faneca seguia sempre, sem se voltar, embrulhada com a escuridão, os fatos de chita batendo-lhe as pernas nuas, virgens de meias, como por lá se usa, e o olhar fito n'um ponto luminoso que descobria ao longe, que não era mais do que o postigo illuminado da cabana do cabreiro.

Nada a distrahia do marche-marche que levava. Nem o archote que do morro da Nazareth fazia signal aos pescadores para que se fizessem ao mar; nem o rumorejar solitario do pinhal, que se escoava pelo ar fresco, n'um lamento surdo, do vento que resava canticos tristes nas ramarias dos pinheiros; nem as *pechinheiras* correndo para a praia com as canastras e gamellas para recolher a sardinha. Nada!

A idéa que a dominava, boa ou má, era superior á boa pescaria, que para a Nazareth é a maior das felicidades. Noite de sardinha é noite cheia. E a Faneca tinha em muito mais conta a cabana do cabreiro do que a pesca e as rêdes do marido. Que diabo! Amor se o havia era valente como o aço!

## III

Uma outra pessoa tambem despresava o peixe, porque tinha em mais conta a honra — era o Zé Resgate. E é por isso que elle lá estava atraz da cabana quando entrou a mulher. Porque a não matou logo ali com a *puçôa* que trazia sempre á cinta? Porque não preferiu dar cabo d'ella a deixal-a consumir novamente aquelle acto infame? E um tumultuar agitado de ideias vinham-lhe ao espirito, punham-lhe

calafrios, uma tremura desenvolva em todo o corpo.

Que desgraça! Cinco annos de viver honrado que iam morrer em minutos na cabana d'um cabreiro! Era ser muito infeliz na verdade!

Elle não era dos maridos mais dedicados e mais attentiosos. Mas, coitado! Ver-se agora atraioado... E isto ainda era o menos. A vergonha... a vergonha d'um adulterio diante de todos os da *companha*! E este pensamento pairava-lhe no espirito como uma immensa ave carnívora, a rasgar-lhe todas as santas recordações do primeiro anno de casado, que elle passou tão feliz, na companhia da sua Faneca — e das suas rêdes que tanto milheiro de sardinha lhe deram!

O vento frio da noite ainda mais lhe escaldava o cerebro perdido, e o ruido do mar, do amigo inseparavel de toda a sua vida, parece que se transformara n'uma voz imperiosa que o mandava avançar, e ver por entre os intervallos das taboas o que se ia passar lá dentro.

Uma luz appareceu do lado d'onde elle estava, e ponde vêr dois vultos entrarem para o curral. Que sitio tão repugnante! Tudo estrumeira de matto pôdre. As cabras deitadas n'um canto cheio de pasto e duas vacas mugindo tristemente n'um buraco de sombra.

Tirou a *puçôa* e cortou um bocado de taboa para ver melhor. Lá estavam os dois! Como era equívoca a situação para o pobre Zé Resgate. E não podia avançar para elles, esfaqueal-os ali mesmo, porque o taboado o impedia.

Pobre d'elle! Impotente até na vingança.

A Faneca tirou a capa e — caso estranho — achegou-se d'um cabra enquanto o cabreiro dava pasto ás vacas, pondo o filhito no chão, onde havia uns restos de palha. Ah! que a miseravel, a perdida, até trazia para aquelle logar immundo a creancinha!

O Zé Resgate espregueou melhor. Mas ficou pasmado, sem comprehender o que ella fazia... tão longe estava do amante.

Não comprehendeu a scena porque havia pouca luz... Mas depois ponde ver claramente que a Faneca acariciava mais a cabra do que as barbas do cabreiro! — Pois se ella estava dando de mamar ao filho!...

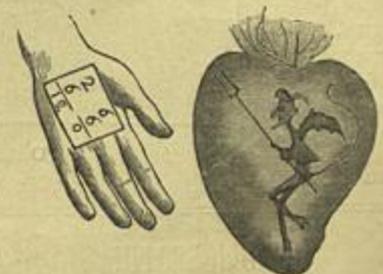
Caso novo! O cabreiro não era um amante, não meus senhores. Não teem necessidade de córar porque a scena é mais decente do que pensavam já. O diabo não é tão feio como o pintam.

O cabreiro não passava de um bom rapaz, que tendo muito dó da Faneca porque lhe faltava o leite para o filho, deixava que a creança se alimentasse com o leite das cabras!

E a Faneca, a pobre e boa Faneca, tanto medo tinha do marido, e tanta vergonha de lhe dizer que lhe faltara o leite para o filho, que ás escondidas como quem vae commetter um grande crime, o ia alimentar á cabana. Não era uma adúltera, não. Era uma mãe envergonhada da sua esterelidade!

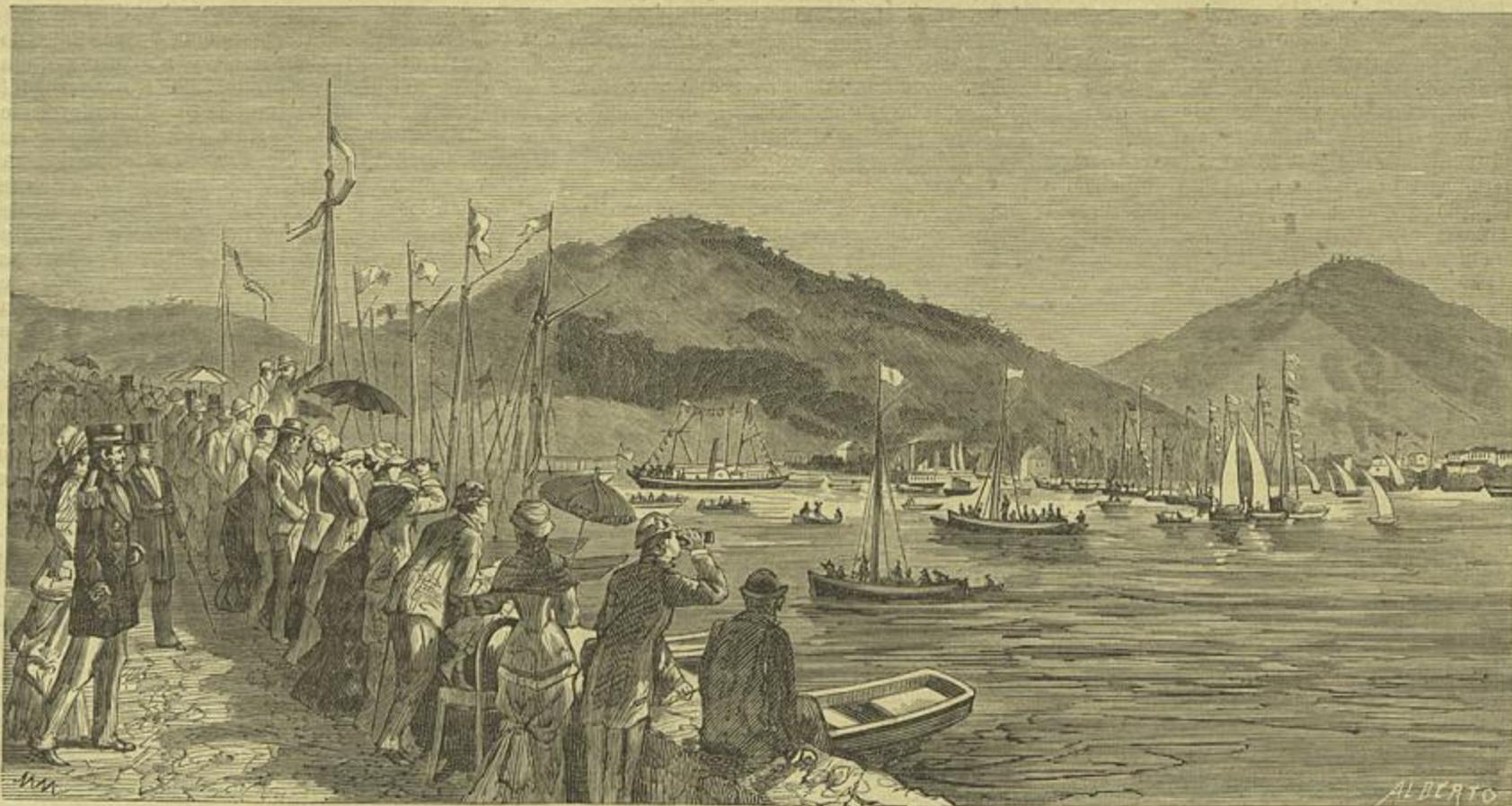
Coitadita! Como eu a recordo bem na minha

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:  
Dois passaros n'uma espiga nunca fazem lig.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.



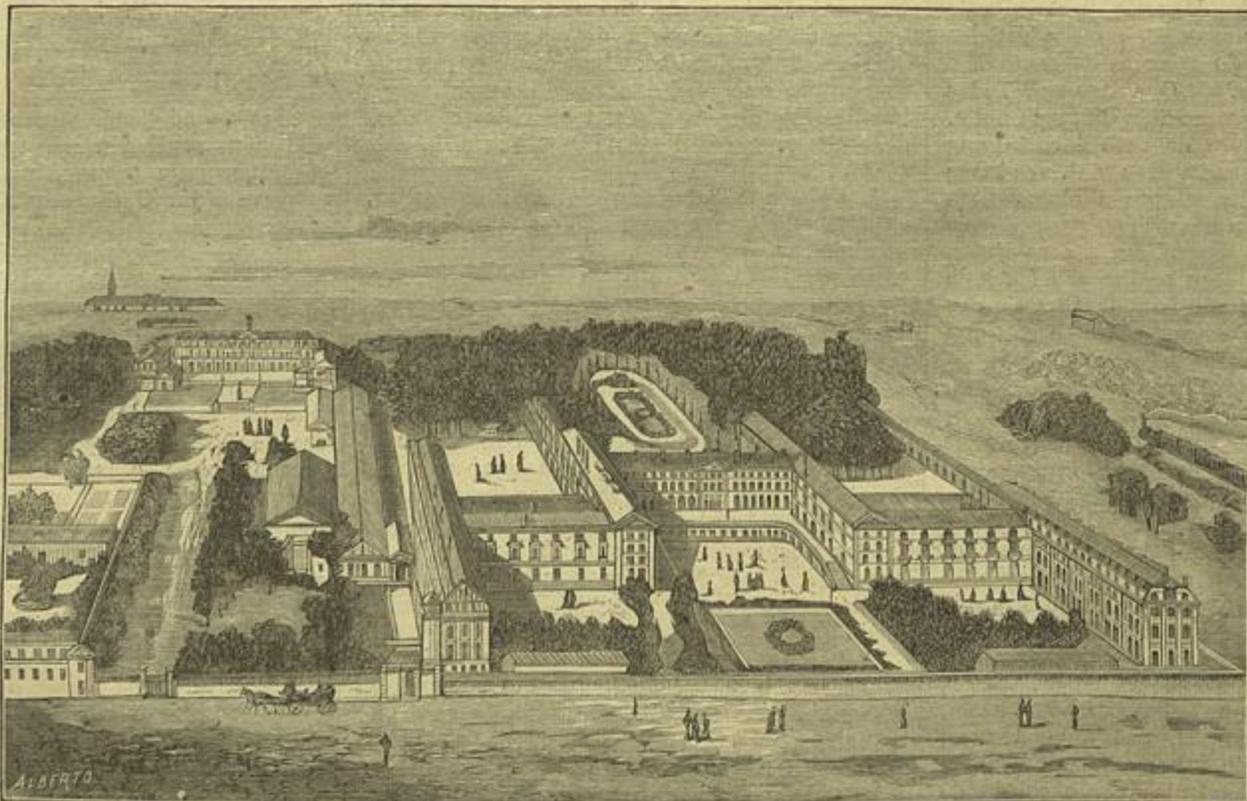
FESTAS DO CENTENARIO DE CAMÕES — BRAZIL — A REGATA DO DIA 13 DE JUNHO NA BAHIA DE BOTAFOGO  
(Segundc uma photographia de Victor Telles)

imaginação, como eu faço apparecer muitas vezes a sua figura por entre as recordações azues da minha mocidade feliz, como uma visão sublime, embrulhada nas suas magras e remendadas roupas! Pois se ella até me disse, uns tempos depois, as lagrimas nos olhos, fallando-me da entrada do marido n'essa noute em casa, todo arrependido das duvidas que tivera, choroso e convulso, abraçal-a muito, a pedir-lhe perdão dos sôcos antigos e das desconfianças passadas:

— Olhe! *Pra* prova de que o meu Zé é um bom *home* — até me deu um *bêjo* maior... que o primeiro *bêjo* do tempo do nosso namorisco!

E ficou muito amigo do cabreiro, estima-o como a um irmão, o que não deixa de ser comentado pela má lingua, que na Nazareth ainda é mais suja que as proprias ruas!

MARIANO PINA.



COLLEGIO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO DOS PADRES JESUITAS EM PARIS

## BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos.

DIARIO D'UM VIAJANTE EM FRANÇA. *Cartas por Leandro José da Costa*. — Este livro escripto com uma grande des-  
pertenção, seduz pela simplicidade, ao passo que enriquece o espirito do leitor com um grande numero de noções uteis e de indicações aproveitaveis.

Para os que ainda não viajaram pela França, este li-

vro é extremamente aproveitavel. Sem dispendio de estylo nem de velhas exclamações, o autor vae-nos contando ligeiramente o que viu, e fal-o de modo a deixar o leitor agradecido pelos bons instantes de aprazivel entretenimento que lhe porporcionou.

Deve ser esta a maior ambição de qualquer livro de semelhante indole.

o seu auctor é tido como um dedicado cultor da divina linguagem. N'estes versos ha um sabor de sobrio classicismo que os torna apreciados e nos faz entrever uma excellente cultura intellectual no escriptor a quem foram inspirados pela musa austera que teve por successoras outras mais audaciosas mas dotadas por vezes de menos boa fé.

DESCOBRIMENTOS, GUERRAS, E CONQUISTAS DOS PORTUGUEZES EM TERRAS DO ULTRAMAR DURANTE OS SEculos XV E XVI.

— Com este titulo e Com este titulo e para solemnizar o centenario de Camões, começou o sr. C. A. de Bettencourt, habilissimo desenhador do ministrio das obras publicas e autor de alguns trabalhos geographicos e corographicos vulgarisadores e prestadios, a publicar um trabalho notavel, lithographado, imitando a letra chamada gotica dos nossos codices do seculo XVI.

O prefacio onde se contém o plano da obra, e descripção do codice do impressor Valentim Fernandes, existente na Allemanha, e de que el-rei o sr. D. Luiz

tem uma copia, aguça-nos o appetito para desejar a continuação da obra, a quem desejamos todo o favor publico, e cuja conclusão aguardamos, para então podermos ácerca d'ella emittir o nosso juizo seguro e imparcial.

O principio faz-nos ter desejos de ver em breve o fim.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA

6 Rua do Thezouro Velho, 6